

ESTER PRYNNE, ARTUR DIMMESDALE E OS EFEITOS DE *EROS* NO ROMANCE *A LETRA ESCARLATE*

Albérís Eron Flávio de Oliveira¹

RESUMO

O caso de Ester e do reverendo Arthur Dimmesdale descrito no romance *A Letra Escarlate* (1850), do escritor americano Nathaniel Hawthorne (1804-1864), do qual eles são os personagens principais, ganha evidência neste artigo, a partir do modo como o amor – *Eros* – se revela em meio à sociedade religiosamente puritana de Salem, na Nova Inglaterra do século XVII, local onde se desenvolve o romance. A história de uma relação extraconjugal entre o reverendo de uma comunidade puritana e uma senhora recém-casada ganha proporções que afetam o comportamento de todos na pequena Salem. A tentativa de entender o modo como esse sentimento surge e/ou se revela, alcançando até mesmo um reverendo de grande destaque na comunidade, é o nosso objetivo. Para tanto, buscaremos ajuda entre os estudiosos Duby (2001), Schubart (1975), Platão (1991), High (1986), Eagleton (2006) e Todorov (2009). Por fim, chegamos à conclusão de que esse tipo de sentimento não escolhe tempo nem lugar para acontecer, uma vez que ele está sempre presente, no seio de toda e qualquer sociedade.

Palavras-chave: Eros, religião, comportamento, sociedade, puritanismo

ABSTRACT

An affair between a reverend and a married woman, described in the novel *The Scarlet Letter* (1850), written by the American writer Nathaniel Hawthorne (1804-1864), in which they are the main characters, is highlighted in this article. After reading the novel, we decided to investigate the way this kind of love – *eros* – develops in this strict puritan society in Salem, in the New England of the 17th century, where the plot does take place. The fact is that, the prohibited sexual involvement of this well-known pastor and the married woman affects the behavior of the whole society of this small village, definitely. The attemptive to find out how they have been affected by this ‘eros’, especially the most-detached puritan reverend and the woman whose husband is about to be faraway in Europe, is part of our objective. We have based our research on thinkers and studios people as Duby (2001), Schubart (1975), Platão (1991), High (1986), Eagleton (2006) and Todorov (2009). To conclude, we have noticed that this type of feeling does not choose ‘Time’ and ‘Place’ to come true, once it is present in every society that has ever existed.

Keywords: Eros, religion, behavior, society, puritanism.

¹ Graduado em Letras com habilitação em Línguas portuguesa e Inglesa e Literaturas (1997), especialista em Literatura comparada (2008) e em Educação de Jovens e Adultos (2011). Mestre em Literatura Americana no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PpGel) da UFRN e doutor em Linguística Aplicada (2017) pelo mesmo programa. É professor do IFRN.

INTRODUÇÃO

A religião e a sexualidade são os dois motores mais poderosos da vida humana. Ver nelas duas realidades diametralmente antagônicas é aceitar uma visão dualista do homem. Fazer delas dois adversários irredutíveis é dilacerar o coração humano. De fato, ao longo de sua história, o homem conheceu esse dilaceramento (Schubart, 1975, p.7).

Acionar a discussão dos efeitos da religião sobre o erotismo, e vice-versa, é por o dedo numa das feridas mais dolorosas do coração humano. O caso de Ester e do reverendo Arthur Dimmesdale descrito no romance *A Letra Escarlate* (1850), do escritor americano Nathaniel Hawthorne (1804-1864), do qual eles são os personagens principais, ganha evidência neste artigo, a partir do modo como o amor – Eros² – se revela em meio à sociedade religiosamente puritana de Salem, na Nova Inglaterra do século XVII, local onde se desenvolve o romance.

O livro conta a história da relação extraconjugal entre o reverendo de uma comunidade puritana e uma senhora recém-casada casada com um reconhecido médico de origem européia. A cena descrita nos primeiros capítulos do romance – a exposição de uma mulher em praça pública por causa de desobediência a uma lei religiosa – revela a trama do enredo que servirá de pano de fundo para toda a leitura do livro.

Ester Prynne, a esposa do Mestre Prynne – um médico de boa reputação –, chegara sozinha ao seu novo país e lá se apaixonara pelo reverendo Artur Dimmesdale, principal pastor da comunidade. Dessa relação nascerá uma filha, de nome Pérola. É justamente pelo fato de Ester não revelar quem é o pai da criança para as autoridades da cidade que ela é enquadrada pelo código de conduta puritano dentro do pecado de adultério e é considerada adúltera, portanto.

Presente na cena de abertura do romance, o marido traído – então travestido de indígena – pergunta a um personagem desconhecido, que também acompanha aquela exposição em meio à multidão de outros curiosos, a respeito do que havia acontecido para que aquela mulher fosse exposta tão ignominiosamente em plena praça pública. Ele, então, recebe a seguinte resposta:

Caro Senhor, aquela mulher estava casada com um certo homem ilustrado, inglês de nascimento, mas que viveu em Amsterdã durante um tempo. Daí, já lá vai alguns bons pares de anos, cuidou de atravessar o Atlântico e de fixar residência entre nós, em Massachusetts. Com esse intuito, mandou à frente a esposa enquanto ele ficou na Europa a fim de regular uns negócios. Durante dois anos, pouco mais ou menos que esta mulher residia aqui, em Boston, não chegaram notícias de Mestre Prynne, que assim se chamava o erudito cavalheiro; e sua esposa, como vê, ficou entregue a seus extravios (HAWTHORNE, 1984, p. 62).

2 Para nós, o conceito utilizado de *Eros* neste trabalho é o mesmo compreendido por Walter Schubart – obra citada nas referências bibliográficas no final deste texto. O sentido geral do termo descreve as relações sexuais entre homem e mulher. Segundo esse mesmo autor, essa atração não inclui somente a união corporal. Trata-se de uma pulsão sexual que acontece na origem da atração sexual, levada por um dinamismo espiritual e entendida apenas como um tipo de amor. Para maiores detalhes sobre o mito de *Eros* sugerimos a leitura de OLIVEIRA (2016), citado na bibliografia deste estudo.

Tendo desobedecido tal lei, ela passará por um processo de punição no qual é exposta publicamente e terá que usar uma letra ‘A’, como consequência de sua falta – a letra ‘A’ aponta para o nome de seu pecado de ‘Adultério’ –, intermitentemente, até que outra sentença aconteça, quando ela revelar publicamente quem é o pai da criança, se isso vier a acontecer.

Para os puritanos, ainda que o seu marido não tivesse voltado da Europa, ela deveria conservar-se casta. As leis puritanas que organizavam aquele mundo não permitiam que uma mulher casada, voltasse a se casar novamente. Isso somente poderia acontecer caso o marido estivesse realmente morto, e após um período maior de abstinência sexual.

Esse é o grande conflito que traçará o fio do enredo escrito por Hawthorne. Enquanto o pai de Pérola não for descoberto, os magistrados se mobilizarão a fim de levar a cabo o desfecho desse trauma que habita aquela sociedade puritana. Os efeitos desse triângulo amoroso atingirão diretamente toda a sociedade, mas mais precisamente o pastor, a sua amante e o marido proscrito, traído na relação.

Na medida em que lemos a história é possível observar que os três personagens, envolvidos nesse triângulo amoroso, passam a sofrer duras consequências. A postura de Ester afetará o comportamento de todos na pequena Salem.

Enquanto Ester Prynne traz a culpa exposta em suas vestes e todos a podem ver, o reverendo Artur Dimmesdale a carrega dentro de si, escondida de toda a sociedade, fingindo sempre ser um sacerdote dedicado, até o ponto em que não mais suportar. Hipocritamente, Dimmesdale conduz os seus passos na comunidade e a cada página mais a culpa o destrói por dentro. Já o marido traído – Mestre Prynne, rebatizado pelo nome de Rogério Chillingworth para esconder sua verdadeira identidade – alimentará em seu interior um desejo quase demoníaco por vingança e não descansará até descobrir quem foi aquele que o passou para trás.

Para nós, interessados nesse importante romance para a literatura americana e mundial, dentre tantos possíveis temas a serem abordados a partir de sua leitura, escolhemos estudar o modo como o amor – *Eros* – se processa no interior de Ester e Artur, e fora deles. É essa tentativa que buscamos realizar: uma maneira de olhar o amor a partir do ponto em que ele surge e/ou se revela, trazido na nossa ótica, por Ester, uma bela mulher no auge de sua idade e também a partir de um homem cheio de princípios e valores cristãos internalizados em sua alma, que é o reverendo Artur Dimmesdale.

Para início de conversa, não podemos negar a já presença desse tipo de amor na comunidade de Salem, na Baía de Massachusetts. O que acontece quando a jovem senhora chega ao local é, pelo que podemos perceber, uma potencialização desse amor – *Eros* –, que parecia dormir, mas que apenas se escondia, já estando ali – Ester voltara da Europa para Salem há pelo menos dois anos sem o marido que ficara preso entre os nativos do continente, os indígenas. Segundo Duby, “na posição eminentemente que ocupam, [as mulheres] são observadas e imitadas. Por elas o pecado corre o risco de propagar-se. Além do mais, as desordens que seus desvios provocam, tem consequências graves” (2001, p.13).

Acreditamos que foi assim que aconteceu e é assim que acontece: mesmo quando esse tipo de amor não está aparentemente presente, ele pode se revelar a qualquer momento, como

o fez em Salem, uma cidade que o reprimia fortemente. O certo é que uma vez revelado, o amor ‘Eros’ trará uma dinâmica diferente para a sociedade.

Para nós, esse movimento diferente põe em questionamento os valores e os princípios dos que habitam a cidade, nesse caso, de Salem. A sua pública presença afetará a todos, direta ou indiretamente, sugerindo novas interpretações a respeito das leis puritanas e a respeito do ir e do vir de todos os seus moradores. A estabilidade social passa a ser ameaçada e a ‘pseudo-paz’ bem como o ‘contrato social’, envoltos em dogmas cristãos que dominam o imaginário daquela comunidade, serão abalados.

1. O AMOR ENTRE NÓS

Quando o homem foi tomado por ele [pelo amor sexual] pela primeira vez e dele tomou consciência, sentiu sem dúvida, um terror semelhante àquele que o tabu nele suscitava. Ter-se-á sentido esmagado pelo mesmo sentimento de dominação irresistível de uma força suprapessoal, que vem irromper nele do exterior. Terá sentido pela primeira vez a doce melancolia de que sofrem os jovens quando se tornam homens. Assim, no alvorecer de sua vida pessoal, todo homem revive o que a humanidade viveu no alvorecer de sua história: *o arrepio sagrado do amor* (Schubart, 1975, p.14).

O que é o amor? Essa é uma pergunta que não é tão fácil de responder. Mas, seguindo os passos de alguns que tentaram fazê-lo, podemos encontrar algumas possíveis respostas. Segundo o poeta português Camões, o ‘amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente, é um contentamento descontente, é dor que desatina sem doer’. Desde sempre, na Grécia antiga, os banquetes regados a vinho eram verdadeiras assembléias onde os discursos tentavam explicar o que era o amor.

Em Platão (1991), podemos ler que não há maior bem para quem entra na mocidade do que um bom amante, e para um amante, do que o seu bem amado. Certamente é esse bem entendido como o mais poderoso para aquisição da felicidade entre todos os homens. Mas, em outro trecho, ele afirma que o amor é das virtudes a mais antiga. E Platão compara o amor a duas deusas do Olimpo:

uma, a mais velha sem dúvida, não tem mãe e é filha de Urano³, e a ela que chamamos de Urânia, a Celestial; a mais nova, filha de Zeus e de Dione, chamamo-la de Pandemia, a Popular. [...] o amor de Afrodite Pandemia é realmente popular e faz o que lhe ocorre; é a ele que os homens vulgares amam. [...] Amam mais o corpo que a alma. [...] O outro, porém é o de Urânia, [...] e esses estão dispostos a amar para acompanhar toda a vida e viver em comum, e não enganar... (Schubart, 1991, p15)

3 Em uma das lendas gregas Urano foi mutilado por seu filho Zeus, e o esperma do seu membro viril, atirado ao mar, espumou sobre as águas, donde se formou Afrodite.

Poderíamos trazer conceitos e definições sobre o que é e como se revela o amor a partir de vários momentos da história e da literatura mundial. Desde o comportamento de ‘Helena’ de ‘Paris’, em Homero, até a ‘Gretchen’ de Goethe passando pelo clássico *Romeu e Julieta* de Shakespeare ou ‘Bentinho e Capitu’ de Machado de Assis. Walter Schubart (1975) nos faz lembrar que em *Fedro*, Platão também fala do amor sexual como sendo uma espécie de loucura e que Schiller vê nele, no amor sexual, uma loucura insinuante.

Mas é, pois, simplesmente a partir do relacionamento entre os principais personagens de *A Letra Escarlata* (1850) – Ester e o reverendo Artur Dimmesdale –, que buscaremos entender como se revelou o ‘amor’, que aqui o reconhecemos com uma substância volátil que os assume por um momento, que tende a controlar o sentimento das pessoas e que provoca tamanha (des) ordem, a ponto de ganhar grande repercussão, entre os por ele contagiados, como também na sociedade.

É exatamente antes e durante a falta que eles cometeram, segundo as normas de convivência puritana, que o amor será analisado. O nosso objetivo é revelar o trajeto feito por esse sentimento até chegar ao coração dos dois, mesmo dentro de uma comunidade cheia de dogmas e de duras leis religiosas.

2. ESTER PRYNNE, ARTUR DIMMESDALE E A HIPÓTESE DO EROS.

Eva é uma ameaça e uma tentação permanentes para o homem. Seu olhar escruta mais profundamente os segredos da vida. Ela se revela muito mais superior ao homem nas coisas do amor. Ela é o ser erótico por excelência. O homem não se define unicamente nem essencialmente pelo amor sexual (Schubart, 1975, p.16).

O livro de Gênesis⁴, presente na tradição cristã, conta a história de Eva, esposa de Adão, e o modo como ela ‘desobedeceu’ as ordens e orientações de Deus após a sua criação. Criada a partir da costela de Adão, ela teria sido posta para ser sua idônea ajudadora e companheira. Entretanto, por desobedecer às ordens e ter, de acordo com a narração bíblica, comido do fruto da árvore do conhecimento bem e do mal, ela promoveu tamanha desordem em um mundo que era, sobrenaturalmente, equilibrado e autosustentável.

A presença de Ester Prynne, chegando naquela nova terra na América, acende o imaginário dos moradores da região, todos alicerçados sob os ensinamentos e valores bíblicos e cristãos contra o *Eros* que alcançara e desvirtuara o comportamento da primeira mulher criada por Deus, desde surgimento do mundo.

Antes de sua chegada em Salem, parece haver uma paz inabalável entre os moradores daquela comunidade. Todos os contratos sociais estão sendo mantidos, ainda que aparentemente. Tudo o que acontece em Salem é absolutamente previsível, reconhecível, e não há prova de qualquer tipo de ameaça ao bem-estar das pessoas que ali moram.

4 O capítulo 3 do livro de gênesis da Bíblia cristã traz essa narração em detalhes.

A jovem mulher, de elevada estatura, era um modelo de requintada elegância. Cabelo escuro e farto, lustroso ao ponto de refletir a luz solar; o rosto, belo pela regularidade dos traços e riqueza de colorido, impressionava pela proeminência da fronte e pela cor negra dos olhos. Nada lhe faltava para ser uma perfeita dama, de acordo com as normas de gentileza feminina daqueles dias, caracterizada por um certo porte e dignidade, mais que pela delicada, evanescente e indiscutível graça, que para nós, hoje, é o mais sublime predicado da mulher (HAWTHORNE, 1984, p. 56).

Ester já era bela antes de cometer sua falta. Mas, mesmo depois de alguns meses em cadeias, ela ainda se conservava bela, como descreve o narrador acima. E mais: nunca Ester se mostrara mais bela e senhoril, no melhor significado do termo, do que quando saiu da prisão – é assim que nos conta o narrador do romance. Os que antes a conheciam e esperavam contemplá-la, velada e coberta por uma nuvem de decepção, ficaram admirados ao reparar tamanha formosura, mesmo depois daqueles dias dentro da cadeia municipal.

É que aquele lugar, Salem, era ‘perfeitamente’ controlado e dominado por homens que se consideravam e eram considerados, detentores da verdade: eram os reverendos e os pastores de Salem. A obediência a eles era o modo de equilíbrio encontrado para uma convivência aparentemente positiva, reguladora do que eles reconhecem e entendem como bons costumes.

Ora, “a sociedade puritana é uma teocracia: as leis da sociedade e as leis da religião eram as mesmas (*tradução nossa*)” (HIGH, 1986. p.8). Tudo acontecia sob ordenanças que brotavam do evidente puritanismo preponderante na região. Mas, a um olhar mais de perto daquela cena, em que Ester se apresentava ‘ignominiosamente’ para o público, faz o narrador lançar um olhar ainda mais intrigante sobre o que se passava, ele registrou que:

se no meio da multidão de Puritanos houvesse um Papista, ele teria visto naquela formosa mulher, tão encantadora em seu traje e semblante, tendo ao colo a criança, uma reprodução viva do quadro da Mãe de Deus, que tantos pintores de fama entre si rivalizaram em representar na tela (*Ibid.*, p. 58).

Era digno de relembrar, ainda que por contraste, a sagrada imagem da maternidade imaculada de cujo filho redimira o mundo de suas faltas. Mas, tudo aquilo dado às vistas daquela comunidade religiosa, que familiarizada com aquele tipo de situação ainda contribuía para reprimi-la e ainda mais sufocá-la rejeitando a sua atitude e postando-a como indigna de estar entre eles.

Tudo isso era uma prova de que o amor, entre outros termos, era substituído por uma falsa moral que o tingia de verdadeiro, tudo era apenas alimentado a partir de rituais e liturgias que davam cabo ao que apenas se aparentava na comunidade e todo esse sistema era conduzido por pastores e reverendos que literalmente serviam ao governo de Salem.

Dentre todos os pastores, o reverendo Arthur Dimmesdale é o sacerdote ideal. Ele é jovem e solteiro, amante das escrituras, homem dedicado ao seu povo carregando qualidades que podem fazer inveja até mesmo aos seus colegas de ofício. Ele também é o principal recipiente

da “verdade” contida no livro do código puritano – e, até certo ponto, nas sagradas escrituras cristãs –, uma vez que ele é alimentado por elas e essa relação cresce na medida em que ele deixa as suas mensagens semanais na mente e no imaginário dos fiéis.

O imaginário coletivo da comunidade de Salem – repleto de ensinamentos morais – vai ganhando terreno e sendo formado, se expandindo entre eles e dentro de Artur Dimmesdale. Além das palestras que ele ministrava havia ainda o modo de vida que ele leva.

Tudo o levava a uma separação e dedicação total e exclusiva para o seu povo. Ele é um reverendo que visita e dá assistência aos que o procuram e estão necessitados. Desse modo, ele alimenta o povo e é alimentado por ele reciprocamente. Mas, essa paz que reina e domina aquele povo começa a ser ameaçada com a chegada da jovem Ester Prynne.

Ela é mulher e recém-chegada da Europa. Segundo o estudioso Schubart (1975), o homem nada tem de misterioso para a mulher, que se torna, com isso, ainda mais misteriosa para ele. Como se já estivesse vestida com o amor carnal, ela trazia em si uma atmosfera especial e metafisicamente entretecida que alcançava a todos os que a ela voltassem os olhos, por que:

para a mulher, cindir-se do *Eros* é cindir-se de seu próprio ser. [...] Só o homem pode chegar a desprezar o erotismo, a pensar que é possível desembaraçar-se dele como que de um enfeite que não fosse parte integrante da natureza humana. [...] A valorização moral da religião corresponde à valorização estética do erotismo (Ibid., p.17).

Desse modo, a religião ajuda no processo de sublimação do *eros*. Sendo isso verdade o que se tem em Salem é uma grande repressão – repressão e retenção – desse desejo, que em todos habita, mas que é por força superficial da religião local, recalcado. Todos, sem exceção, sofrem desses mesmos traumas, uns mais e outro menos, mas dentro da religião puritana esse ponto era ainda mais acentuado.

Segundo Eagleton (2006), todo ser humano precisa sofrer repressão daquilo que Freud chamou de ‘princípio de prazer’, em favor do ‘princípio da realidade’. Segundo ele, para alguns de nós, porém, e possivelmente para sociedades inteiras, a repressão pode se tornar excessiva e nos transformar em doentes.

É possível pensar em uma sociedade ‘doente’, então, quando pensamos em Salem. Mas também, é importante dizer que, segundo esse mesmo estudioso, tomando como base novamente Freud, o pai da psicanálise, uma maneira pela qual podemos enfrentar esses desejos pessoais é dirigindo-o para uma finalidade de maior valor social. Talvez seja isso que a comunidade de Salem, seus mentores em especial, esteja inconscientemente querendo fazer.

Talvez uma leitura psicanalítica pudesse oferecer um caminho para interpretar como se dá a paixão que tomará os corações de Artur Dimmesdale e de Ester. O fato é que “onde há o *id* também haverá o *ego*. Isto é, onde homem e mulher estiverem sob o domínio paralisante de forças que não podem compreender, deverá haver razão e autocontrole” (EAGLETON, 2006, p.241). Seguindo esse raciocínio e citando outra vez Freud, Eagleton diz que somos dominados por um desejo de satisfação – que nasce do *Eros* – e temos uma aversão a qualquer coisa que o possa frustrar.

Descrita como uma bela moça de traços finos é fácil notar que a viagem lhe rendera certo crescimento e distinção. O único problema é que ela chegara só, sem o seu marido que ficara na Europa por motivos superiores, por razões profissionais. Ele era um médico reconhecido, bem mais velho do que ela. Eles haviam feito uma viagem há pelo menos dois anos pela Europa, e no desembarque em Salem o marido de Ester fora preso pelos indígenas da região e dado como desaparecido pelos moradores de Salem. Alguns até pensavam que ele estivesse morto.

Desde a sua chegada então, Ester passa a ser o centro e o assunto, a novidade nas conversas da comunidade. Um misto de alegria e de tristeza, de prazer e de dor, de união e de separação, jaz no povo que a recebe. Um ser humano é sempre um mundo e um mundo é cheio de possibilidades.

Ester constitui uma novidade diferente que há muito tempo não chegava àquelas terras. Para muitos, essa novidade, ou esse novo, pode ser um sinal de cuidado e atenção, já sendo sinal de ameaça. A beleza de Ester era sempre mais bela e irradiava nos horizontes de Salem. Mas Ester não era somente beleza, havia algo a mais que transporia a matéria:

na realidade o amor implica uma coisa bem diferente da simples beleza: ele representa uma violenta comoção interior, expressão de um desejo de absoluto. Não amamos um ser porque o achamos belo, mas nele vemos toda beleza porque o amamos. O Eros não está a reboque da beleza: é ela que segue o Eros. (Schubart, 1975, p.18).

Nem tudo o que acontece em uma sociedade se passa claramente na mente do povo, de forma consciente. Ester também podia ser apenas mais uma mulher que ali chegava. Ela mesma, Ester, *estrela*, também desconhece o que pode encontrar pela frente. É que para ela existe somente a ideia de uma cidade onde os costumes são todos monitorados, onde tudo é visto, inevitavelmente com a lente puritana, repleta de seus dogmas correspondentes.

Mas, Ester carrega o estigma da mulher cristã, uma mulher que deveria ser sempre e em qualquer tempo, fiel. Mas, ela erraria em defender tal dogma. Ela incorporaria a figura de uma Eva, entretanto, com todo o seu histórico desequilibrador. Quem seria aquela, portanto, que trazia dentro de si possibilidades tão opostas? Residiria em seu corpo um poder sobrenatural?

Salem era uma cidade de paz controlada, mas que, de modo algum, revelava em seus moradores uma vida contentada, livre. A rotina dominava o lugar que era duramente governado por leis que perseguiram o desejo humano. Por isso, Salem era uma cidade onde não se esperava que o inesperado acontecesse. Nunca isso – a possibilidade do inesperado acontecer – passava pela mente dos puritanos. Eles não tinham sido treinados para aquilo.

Tudo em Salem era determinadamente previsto e previsível. Tudo estava sob controle – sob a lógica dos macro-eventos regidos pela forma de causa e efeito –, mesmo não estando. Onde há um ser humano, há sempre uma possibilidade de mudanças. O reverendo Artur Dimmesdale tinha sua rotina traçada e seu caminho era sobre medidas: da igreja para casa e da casa para a evangelização dos vilarejos circunvizinhos, até mesmo entre os índios.

Mas, tudo parece ser a ponta de um mistério. O reverendo entendia e também facilmente

se fazia entender. Mas, com relação às surpresas da vida, ele não contava na sua mente com todas. A vida para ele era apenas ver o povo e a igreja asseada, limpa e cheia aos sábados e aos domingos de manhã, tudo aos seus cuidados. Aquele era o prazer que ele havia experimentado e o fazia costumeiramente.

Antes de tudo, Artur Dimmesdale era um ser humano com todas as potencialidades possíveis e imagináveis existentes em sua complexidade. Ele vira a chegada de Ester e nada viu, profundamente. Sabia apenas que era mais uma pessoa para a irmandade. Alguém que ele iria conhecer, porque seria membro de seu rebanho, sua ovelha, portanto.

O fato é que ele gostou de Ester, mas não se sabe ao certo como, no começo de tudo. Como sacerdote, sim, ele gostou. Gostou da beleza fina de e das feições de Ester também como ser humano. Admirou-se com ela, certamente. Ela a amou – foi dominado pelo *Eros* – de uma vez, mesmo sem entender aquele sentimento por completo, nem como ele se processara.

Ele a recebeu formalmente como sacerdote daquela comunidade, mas o seu coração já a tinha recebido como homem, tomado por uma pulsão diferente, pulsão de vida. Desde então veio o desejo, misturado entre as atribuições legais enquanto pastor, de conversar com ela, de visitá-la. Queria conversar com ela, conhecê-la melhor. Talvez quisesse conhecer o que ela sabia sobre os preceitos de Deus.

Tudo era um mistério o que se passava pela mente e pelo coração de Dimmesdale. O mistério do encontro entre dois amantes se confundia com o ministério do pastor Dimmesdale com sua “ovelha”. Não se sabia os resultados daqueles encontros ainda, nem era possível prever os seus efeitos. Tudo começava, entretanto, no coração dos dois, (sobre)naturalmente. O desejo vai até as profundezas do inconsciente, e estando lá vivifica o que até então jazia adormecido.

Tudo se dava como se fosse uma descoberta de um tesouro oculto, espécie de fonte inesgotável onde a humanidade sempre buscou suas maiores razões de viver, suas realizações e desejos, todas as idéias, as mais fortes e poderosas, sem as quais o ser humano deixa de ser humano. Artur Dimmesdale era homem, um macho, com todos os atributos carnis e desejos que rondavam-lhe as vísceras. E este desejo encontrara guarida em Ester. Ela o nutre misteriosamente, metafisicamente.

O desejo carnal – e termo usado aqui em oposição ao desejo que é espiritual, segundo a ótica da religião puritana – vai crescendo no seu interior feito uma planta, a ponto de ficar maior que o próprio reverendo, dominando-o. Ressalte-se o que nos diz o narrador do Fausto do escritor alemão Goethe. Ele deixa registrado que quando o homem é fisgado por esse amor – *Eros* – outros sentimentos e noções a respeito da vida e das pessoas são influenciados e, até mesmo, inibidos. Assim sofria também o personagem “Werther” – *Os sofrimentos do jovem Werther* (1776) – em relação à sua amada Isabelita.

O reverendo Dimmesdale passa a sentir Ester constantemente, agora. Ele passa a perceber que a vida consiste muitas vezes em experiência extrema e séria. O pastor estava passando por algo de novo e extremo. Segundo interpretamos é como se a vida tivesse uma espécie de técnica que exige um despojamento de tudo que obstrui e bloqueia o crescer da alma. Artur Dimmesdale está maior, então.

Mas, a questão é: de onde surgiu aquilo, aquele novo sentimento, aquela nova ideia que se impõe na consciência de Dimmesdale com tão elementar violência? De onde vem essa força que se apoderou da consciência do reverendo de modo tão claro, tão veementemente? Como surgiu aquela força que o tirou do centro e o deslocou para uma posição marginal, porque não dizer, fora de controle?

É isso que nós queremos chamar de amor, o qual respondemos a partir da hipótese da atuação do *Eros* sobre aqueles dois, que parece ser formado de uma substância invisível que pode estar em toda parte, em qualquer momento, que é essencial ao ser humano, e é algo que às vezes desaparece aos olhos das pessoas, mas que está sempre presente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É por isso que a vida não pode ser totalmente compreendida. Ester, a bela mulher protagonista do romance, era comprometida: ela era casada. Mas, ela impressionara o pastor. Logo ele, sacerdote, reverendo, a principal figura defensora daquele modelo de sociedade. A vida o tinha impressionado. Ela era o veículo que trouxera toda aquela nova sensação em Artur Dimmesdale: o inesperado começava a acontecer depois de sua chegada a Salem.

A verdade é que algo havia mudado em Dimmesdale. Quanto mais ele pensava nela, dia após dia, mais ele gostava dela. A vida ganhou outro sentido. Era o amor o invadindo e redimensionando os seus valores e a sua vida. A rotina havia sido quebrada no interior de Dimmesdale. Eis o poder do *Eros*. Ele ia indo visitá-la cumprindo não apenas os deveres de ministro do evangelho, mas também obedecendo as ordens do seu novo sentimento, do seu novo coração.

Artur Dimmesdale não a via como uma simples mulher. Ela não era comum, aquilo que ele sentia por ela não era comum. O pastor ouvia a voz daquela ovelha diferentemente. Aquele sentimento foi gerando um prazer e esse prazer foi tomando rumo e se traduzindo por um ‘querer-sempre-estar-perto’. Aquilo aumentava nele, todas as vezes que estava perto dela, uma vontade de ainda estar mais perto. Sentia a vontade de estar com ela o tempo todo.

Nele agora, havia agora uma confusão alegre em sua mente em relação ao modo como enfrentava aquilo. Com que olhos era que ele a olhava? Com olhos e visão diferentes. Uma visão que era diferente daquela que antes ele guardava. Ele começou a pensar coisas que as sombras delas em seu coração, misteriosamente, já estavam. O reverendo estreou muitas ânsias dentro de si e uma profunda e incômoda satisfação.

O amor se esconde na cara da gente muitas vezes, já dizia o mestre Guimarães Rosa⁵. E aquele havia se revelado para ele. Aquele amor ‘eros’ era uma força que existe e é latente, dentro do ser humano, dele ou dela, ou dos dois, despontando como em brotos que não para mais de crescer. O reverendo crescia de um modo diferente, como nunca antes crescera.

Sempre que se começa a ter amor, algo diferente acontece, já dizia Guimarães Rosa.

5 Ver o seu conto *Substância* no livro *Primeiras Estórias* do mesmo autor – Guimarães Rosa.

Ele pega fácil e quando pega de verdade cresce-se dentro dele. Porque o amor, esse sentimento inexplicável, é. Ele não cresce da maneira como se diz, cresce-se dentro dele. De certa forma o que a gente muitas vezes ama não se sabe ao certo a sua razão. Mas, quando é o destino dado, se ama por inteiro, fatalmente, crescendo de desejo e de querer. Dimmesdale sentia o amor, e pelo que entendemos, sentindo Ester.

A essa altura Dimmesdale sentia o peso do coração. Estava cheio de Ester, cheio dela contra a vontade do sacerdote, mas a favor da sua vontade de viver. Ela estava misteriosamente nele. Ele não sabia como se processava, apenas queria entender. Ela estava nele, na sua mente, mesmo vivendo fora. Ela estava em toda parte e para onde ele ia lá ela estava, pois estava dentro dele. Ester tomava conta dele e ele nem podia acreditar. Seria um sonho? O amor é um sonho?

O fato é que Artur Dimmesdale vai se deixando dominar pelo amor – ou é por ele dominado –, essa substância que se disfarça no éter da vida, que aparece de repente e desaparece, mas nunca deixa de ser e de estar. Amor, inato no ser humano, com letras maiúsculas, longe de falsas interpretações, conhecido da maioria dos homens e muitas vezes, por eles, negado.

O que não é dito, o não-dito, pode se revelar a qualquer momento. Artur Dimmesdale não irá suportar e irá transpor o discurso interno – o do silêncio que insiste em resistir-lhe a tudo o que acontece e o domina – para o externo, que para ele é o extremo, contra a sua identidade social, sua personalidade. Ele vai revelar seus traços de humano, indubitavelmente.

Este fenômeno, nas várias formas que assumiu, não indicava mudança externa, mas antes uma súbita e importante metamorfose [...] A vontade do ministro, e a de Ester, e o destino que entre ambos se erguia, operara tão surpreendente transformação. A cidade era a mesma [...] mas o ministro que regressava da floresta, não era o mesmo (HAWTHORNE, 1984, p. 185).

O reverendo Dimmesdale não era mais o mesmo. O que se sabe é que toda a realidade se constrói de pedaços fragmentados, nas suas não-linhas ou nas entrelinhas, como em um texto. A sua transmissão inteira, da realidade, é impossível para o leitor. Na lida do texto de *A Letra Escarlate* (1850), enquanto o leitor não via, o reverendo Dimmesdale já sofria as revoltas do amor. De página em página, a literatura vai nos revelando os segredos da vida, coisas de literatura. O que o reverendo não podia escapar era das pancadas do coração. Ali se embaraçava num real como se achada a satisfação, sentimento sereno.

O sofrimento de Dimmesdale ainda era confuso – não o sentimento –, porque ele não entendia como aquilo se procedera. Por vezes era de bom grado e, quando sofria, parecia se alegrar. Era uma confusão boa, entretanto. Ester era a forma completa do amor de Dimmesdale. Nela o destino dele se completava e a busca amorosa findava, não findando o amor.

Seria o famoso discurso de Aristóteles que engendrava seu ápice, se completando? Certamente. Era o amor, substância que não se pode ver, mas se pode experimentar e sentir, às vezes tão perto se formando em forma física, parasita, em Ester Prynne e no seu amante pastor.

De fato, era a vida não dando demora em nada e acontecendo em seu mais completo devir. Agora, ele tinha Ester assim, perto dele e cheio de grande afeto. Naqueles momentos a

vida valia mais de fato porque era vivida em sua plenitude. E lá ia o pastor em seu monólogo interior, pensando em sua amada. A lição que fica é que o coração humano nunca deve esquecer que o que existe de humano sofre mudanças incertas, inesperadas.

Mas, quem escolheu aquilo? Ela era a forma de amor carnal que desembocara e se conservara num universo sublime, espiritual. O estado de plenitude, experimentado pelos dois, descortinando mistérios, superando o desamor, muitas vezes instaurado em sociedades dogmáticas, como em Salém, se consolidava. Os dois misteriosamente, metafisicamente estavam unidos por um sentimento superior, angelical, talvez.

Não sabemos, ao certo, dizer o que se passava com Ester, definitivamente. Ela não revelara o que pensava ao chegar naquele lugar nem o que presumia. Parecia de nada padecer. O que sabemos é que o seu coração ‘doía’, como disse o poeta Fernando Pessoa nas primeiras páginas deste artigo, assim como o do pastor. O que podemos dizer é que ela era o fogo que acendera o coração de Artur Dimmesdale, completamente.

Ester fez surgir em Dimmesdale um sentimento mais puro, quase que desencarnado e beatificado, ao limite que a imagem etérea de uma mulher pode fazê-lo. Sob a ação do *Eros* a vida é lacônica e inexplicável, cheia de ocultos caminhos, repleta de surpresas que somente a experiência, revelada a partir de outras situações e casos – *affairs* –, pode oferecer uma justificação. O olhar de Ester oferecia um mundo para o reverendo, um mundo vasto, especial: um portal.

O enredo do romance transcende a simples condição do aparente, portanto. Ele o transpõe e o desenrola ousando revelar os seus segredos muito raros. Por vezes a realidade no romance se confunde com a realidade da vida e vice-versa. É que os segredos que estão ali, bem ali, tão perto muitas vezes, do homem desaparecido, do homem que apenas vê com os olhos, do homem que lê os livros e se esquece que a vida se desenrola em seu cotidiano.

Dentro dessa ideia fica clara a revelação do amor como uma das peças principais, senão a mais principal de todas aquelas que constroem e demarcam os limites de uma sociedade. A história da cidade de Salem terá de ser recontada, diferentemente, com um antes e um depois.

Antes da chegada de Ester Prynne tudo parece estar sob controle. Após a chegada dela a cidade ganha novos fatos. Por esse motivo ressaltamos o papel do amor em meio às sociedades: ele reescreve valores e princípios – quando seus transeuntes são afetados pelo *eros* – desafiando todos os seus partícipes a reconstruírem-na, do modo mais sereno e honesto possível, uns para com os outros.

O que fica para nós é que, em sua principal obra, Nathaniel Hawthorne nos traz para perto um mundo cheio de valores que não nos são, de todo, estranhos. O conjunto de reflexões que o seu texto proporciona a respeito do amor ‘eros’ – e da religião, por exemplo – traz o berço da literatura americana para perto de nós e nos convida a pensar o universo a partir desse tema.

Hawthorne nos incita a imaginar outras maneiras de conceber e organizar a realidade a partir da concepção que as pessoas tem com respeito aos seus sentimentos mais íntimos e suas relações mais pessoais possíveis. Assim “como a filosofia e as ciências humanas, a literatura

é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. a realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente, a experiência humana” (TODOROV, 2009, p.77).

E Todorov continua, registrando que o leitor comum continua a procurar nas obras que lê aquilo que pode dar sentido à sua vida, porque a literatura não fala de si mesma, mas do mundo e dos que nele estão arraigados. Segundo o seu entendimento – o que também compartilhamos –, o leitor tem sempre razão, uma vez que se isso fosse diferente, a leitura – literatura (*grifo nosso*) – estaria condenada a desaparecer em um muito breve espaço de tempo. Mas, não tem sido assim. Segue a literatura, segue a leitura, segue o leitor e o escritor, que diz o mundo com suas palavras, com seus valores e suas crenças – ou não – na tentativa constante de entendê-lo cada vez mais – ou de simplesmente dizer.

Com a palavra, o leitor outra vez.

(Re)começo.

REFERÊNCIAS

- DIÁLOGOS / PLATÃO; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Peleikat e João Cruz Costa. – 5.ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1991. – Os Pensadores.
- DUBY, Georges. *Eva e os Padres: damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- HAWTHORNE, Nathaniel. *A Letra Escarlate*. São Paulo: Ediouro, 1984.
- HIGH, P. B. *An Outline of American Literature*. London and New York: Longman, 1986.
- OIVEIRA, A.E.F. *Nathaniel Hawthorne, o puritanismo e a hipótese de Eros em A Letra Escarlate (1850)*. Natal: IFRN, 2016.
- SCHUBART, Walter. *Eros e Religião*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 2.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.